



Correio percorre mais de 80km em Paris e arredores para acompanhar cinco modalidades nas quais o Brasil poderia obter medalha. Vôlei de praia, com Ana Patrícia e Duda, foi a única aposta certa durante mais uma jornada nos Jogos

Torre Eiffel

Vôlei de praia

A última esperança positiva na empreitada é a Arena da Torre Eiffel. Aos pés do monumento mais icônico de Paris, Duda e Ana Patrícia não decepcionam. Com a vitória contra as australianas Mariafe/Clancy, garantem uma vaga na briga de hoje pelo ouro, às 17h30.

Stade de France

Atletismo

Mineiro de Juiz de Fora, Luiz Maurício devolve Brasil à final do lançamento de dardo após 92 anos, mas encerra participação sem pódio, com a 11ª colocação entre 12.

Ponte Alexandre III

Maratona Aquática

O dia começa com grande chance de medalha para o Brasil, mas as disputas no Rio Sena não têm o retorno esperado. Principal candidata à medalha, Ana Marcela Cunha cruza a linha de chegada em quarto lugar. Viviane Jungblut cumpre os 10km em 11'.

Arena Paris Sul 1

Vôlei de quadra feminino

No terceiro point do *Correio* no dia, a Seleção Brasileira faz um jogo muito parelho com os Estados Unidos na Arena Paris Sul 1. Os algozes do ouro de Tóquio-2020, porém, levam a melhor de novo no aniversário de três anos da última conquista. Para o Brasil, resta a luta pelo bronze.

Stade Nautique Vaires-sur-Marne

Canoagem velocidade

A segunda missão é acompanhar os cotados ao pódio, Isaquias Queiroz e Jacky Godmann, na final do C2 500m. Baianos decepcionam e terminam a disputa por medalha na oitava e última colocação.

Daniilo Queiroz

Victor Parrini

A caça ao pote de ouro

VICTOR PARRINI
DANILO QUEIROZ
ENVIADOS ESPECIAIS

Paris — Não cometa o equívoco de achar que maratona é coisa só de atleta. Durante os 16 dias oficiais de Jogos Olímpicos na França, ninguém escapa do corre-corre e da adrenalina. Todos estão mobilizados para manter funcionando a engrenagem do evento mais nobre do esporte. E jornalistas do mundo inteiro estão na linha de frente. O processo informativo quase não nos permite desligar durante o período. A causa é nobre, mas nada mole.

Quem gruda nas telas para torcer pelo Brasil ou interagir por meios de links no digital talvez não imagine a intensidade dos bastidores de uma cobertura. Há muito acontecendo o tempo inteiro, em diferentes cantos da Cidade Luz, sobretudo no que diz respeito às medalhas. É quase uma caça ao ouro. Ontem, o *Correio* abriu o mapa da mina para acompanhar, em

“O resultado não foi nada que a gente esperava. A partir do quarto lugar, ninguém é lembrado. Foi um resultado muito horrível pelo que investiram em nós”

Isaquias Queiroz, canoísta sobre o resultado com Jack Godmann

pontos extremos da capital francesa, cinco modalidades promissoras, que poderiam ter atualizado o número de medalhas e colaborado na missão da quebra de recorde de 21 pódios.

Em mais de 12 horas de cobertura ontem, a reportagem percorreu 81,7km para contar as histórias dos brasileiros na maratona aquática, na canoagem velocidade, no vôlei de praia e no atletismo. Tudo começa pela Rue de Montyon, o QG da equipe, no 9º arrondissement — em Paris, os bairros têm esse nome e são identificados por números. A primeira missão do dia tem pontapé inicial na Ponte Alexandre III, sobre o Rio Sena, o polêmico palco da maratona

aquática 10km. Acreditávamos que o esforço de encerrar pouco mais de 20 minutos de metrô para acompanhar a competição com início às 5h30 (2h30 de Brasília) seria recompensado com o ouro da baiana Ana Marcela Cunha. Apostamos mal. A campeã em Tóquio-2020 setar subiu ao pódio. Fechou na quarta colocação e viu a gaúcha Viviane Jungblut cruzar a linha de chegada em 11'.

Otimistas, miramos nossa bússola para o extremo leste, fora da área de Paris. Com os companheiros do Estado de Minas, João Vítor Marques e Leandro Couri, embarcamos em um táxi para a comuna Vaires-sur-Marne, de quase 12 mil habitantes, sede da canoagem.

“Sonhamos, buscamos. Somos capazes de tudo. Sou muito grata a Deus, à minha família, à comissão técnica e à Ana Patrícia, porque ela é uma guerreira, é demais”

Duda, parceira de Ana Patrícia, finalistas do vôlei de praia

Foram pouco mais de 40 minutos de viagem de carro, fora a caminhada para encontrar a arena e o acesso correto. Mais uma vez, a confiança falou alto. Afinal, entraria em ação, por volta das 11h30, na final da canoa dupla 500m, o quatro vezes medalhista olímpico, Isaquias Queiroz, e Jacky Godmann. Fomos pés frios. Os baianos não estavam no melhor dia e sequer miraram o bronze. Lamentaram a conclusão da prova após 1min42s58, na oitava e última colocação.

Sem medalha, a única opção àquela altura do campeonato era retornar a Paris o mais rapidamente possível, pois às 16h era vencer ou vencer para Seleção Brasileira de vôlei feminino

na semifinal contra os Estados Unidos. O palco do duelo que decidi três das últimas quatro edições dos Jogos Olímpicos era a Arena Paris Sul 1, a cerca de 30km de Vaires-sur-Marne. Para chegar, encaramos ônibus para a imprensa até a estação Torcy. Lá, pegamos um trem e duas linhas de metrô para desembarcar a tempo de não perder o saque inicial para a vitória estadunidense por 3 sets a 2. É isso, a equipe comandada por Zé Roberto Guimarães jogará pelo bronze contra a Turquia, amanhã, às 12h15 (de Brasília).

Eram duas as últimas paradas antes de encerrarmos a peregrinação. Precisamos nos dividir. Um dos caminhos levava à semifinal do vôlei de praia,

entre as brasileiras Ana Patrícia e Duda e as australianas Mariafe Artacho e Taliqa Clancy, na charmosa arena aos pés da Torre Eiffel. A insistência funcionou. A garantia de medalha veio com a vitória das líderes do ranking por 2 sets a 1 (parciais de 20/22, 21/15 e 15/12). Na pior das hipóteses, Ana Patrícia e Duda retornarão ao país com uma prata.

O mesmo não podemos falar de Luiz Maurício. Novamente de trem, subimos no mapa para a região norte, para testemunhar o Brasil em ação em decisão no Stade de France, em Saint-Denis, o mesmo palco das finais da Copa do Mundo de 1998 e Euro-2016. O mineiro de Juiz de Fora era uma surpresa na primeira final do verde-amarelo no lançamento de dardo em 92 anos. O desempenho abaixo, com 80m67cm como melhor sequeiro ou levou para a segunda parte da disputa por pódio. Acabava ali, com saldo nem tão positivo, a saga pelo pote de ouro no 14º dia oficial de Jogos. Agora, faltam só três para o fim.